



MEMÓRIAS DE UM MESTRE DO ECOFESTIVAL DO PEIXE-BOI DE NOVO AIRÃO: REFLEXÕES, VIVÊNCIAS E PROTAGONISMO

Carlos Maciel de Oliveira Filho

Adan Renê Pereira da Silva

Resumo: Analisando o Ecofestival de Novo Airão como processo artístico em fase de escrita da própria história, este estudo objetiva registrar parte dessa história, por meio de um de seus construtores, o artista Raimundo Ércules dos Santos Alves. Para tanto, desenvolveu-se estudo qualitativo, com foco na história de vida do narrador, cujos dados foram obtidos via entrevista semiestruturada. Os dados permitem apontar a festa na esteira do hibridismo cultural, como espaço de troca com outros festivais amazônicos, especialmente o parintinense. Assim, o artista se constrói e constrói a festa concomitantemente, por meio do trabalho que desenvolve, o que permite a ele refletir sobre a história social do folguedo, bem como das concepções de seu labor e do povo que se envolve na realização do espetáculo. Algumas conclusões sobressaem-se das memórias do artista: a obra realizada como desconstrutora de estigmas ligados a preconceito e racismo e o Ecofestival como identidade construída por múltiplas mãos, processo que vem se consolidando desde o fim da década de 1980.

Palavras-chave: Novo Airão; Arte; Ecofestival do Peixe-Boi; Peixe-Boi Jaú; Peixe-Boi Anavilhanas.

MEMORIES OF A MASTER OF THE ECO-FESTIVAL OF THE MANATEE OF NOVO AIRÃO: REFLECTIONS, EXPERIENCES AND PROTAGONISM

Abstract: Analyzing the Novo Airão's Ecofestival as an artistic process in the writing phase of its own history, this study aims to record part of that history, through one of its builders, the artist Raimundo Ércules dos Santos Alves. To this end, it developed a qualitative study, focusing on the narrator's life story, the data were heard via semi-structured interview. The selected data indicate a party in the wake of cultural hybridism, as a space for exchange with other Amazonian festivals, especially Parintinense. Thus, the artist builds and builds a party concurrently, through development work, or allows him to think about the social history of folklore, as well as the conceptions of his work and the people involved in the performance of the show. Some conclusions stand out from the artist's memories: the work done as a deconstructor of stigmas links a prejudice and racism and the ecofestival as an identity created by multiple hands, a process that has been consolidated since the late 1980s.

Keywords: Gender; Popular Culture; "Ecofestival do Peixe-Boi"; "Peixe-Boi Jaú".



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Introdução

Desde o final da década de 80 e início da década de 90, o município de Novo Airão, limítrofe com a cidade de Manaus – capital do Amazonas -, assiste ao desenvolvimento do Ecofestival, festa marcada pela disputa entre duas agremiações, o Peixe-Boi Jaú e o Peixe-Boi Anavilhanas. Antes da efetivação de uma rivalização como a dos moldes atuais, vários grupos se apresentaram, com danças que chegaram a incluir um boi-bumbá, o Mina de Ouro. À época, políticos pediram que fosse feita uma competição específica, o que coincidiu, por exemplo, com o já criado Parque Nacional do Jaú e uma percepção mais aguçada do potencial do arquipélago de Anavilhanas. Com a ameaça de extinção do peixe-boi, gerada pela matança do animal, o foco passou a ser as duas agremiações (SILVA; OLIVEIRA JÚNIOR, 2019).

Acontecendo na “Lagoa dos Peixes”¹, o Festival desenvolve-se em uma quadra localizada no centro de Novo Airão, cidade que se traduz em verdadeiro paraíso ecológico: terra de cenários naturais deslumbrantes, ela abriga o Parque Nacional de Anavilhanas e parte do Parque Nacional do Jaú. Os peixes-boi carregam a homonímia destes locais. Mas não só isso: eles apresentam outro ponto em comum com os Parques, são guardiões do meio ambiente, enfatizando a veiculação de uma mensagem ecológica com tamanha ênfase, que a tornaram item² obrigatório de julgamento.

A festa comporta uma noite de disputa entre os Peixes-boi. A apresentação reúne elementos musicais, cênico-coreográficos e artísticos, congregando um público grande, cativado pelas belas canções, luzes, sonhos e cores que ganham vida e que só

¹ “Lagoa dos Peixes” é o nome dado ao local da disputa entre Jaú e Anavilhanas. Neste sentido, Novo Airão desenvolve nomenclatura própria. Em geral, as festas batizam as arenas em que disputam as agremiações incorporando o sufixo –dromo: bumbódromo (Festival de Parintins), cirandódromo (Cirandas de Manacapuru), tribódromo (Festribal de Juruti), por exemplo.

² Chama-se “item” a cada um dos dezessete critérios de avaliação submetidos aos jurados para atribuição de notas. No fim da disputa, vence o Peixe-Boi que possui maior somatório. O item “mensagem ecológica” corresponde ao número 5: “Definição: Forma de alerta para a preservação do meio ambiente, em especial ao anfitrião da festa, o peixe-boi, voltando-se especialmente para preservação da fauna e da flora. Méritos: Associar aspectos históricos, geográficos, ecológicos e sociais do Bioma Amazônico. Elementos Comparativos: Conteúdo que explore a temática da Agremiação, Redação e Interpretação”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

são apreendidos pela subjetividade da vivência e pela retina que se ilumina na magnitude da festa.

Inseridas na complexidade da trama, as pessoas que dão vida ao Ecofestival³. Elas são protagonistas, a própria encarnação daquilo que se constrói e se vive. Estudos como o de Silva (2014) apontam os festivais amazônicos como formadores diretos das identidades humanas. Isto redimensiona-se quando se funde a figura de espectador e construtor do espetáculo, caso de artistas, músicos, alegoristas e torcedores.

Carente de estudos científicos nos vieses da Antropologia, Sociologia, Artes e outras ciências sociais quando em comparação com festivais como o parintinense, o manacapuruense e outros folguedos, torna-se de suma importância debruçar-se sobre o Ecofestival, de modo a gerar referenciais teóricos e analisar os impactos e alcances da disputa entre os peixes. Assim, este texto é parte do processo, dando ouvidos a pessoas que ativamente contam a história desta “catarse coletiva” que se tornou o festival - tão importante para o povo airãoense.

Para realizar o objetivo de contribuir com a construção da memória do Ecofestival, de seu povo e sua cultura, metodologicamente, optou-se por uma pesquisa qualitativa, com dados obtidos por meio de uma entrevista semiestruturada com um dos sujeitos que participam da festa desde os primórdios: Raimundo Ércules dos Santos Alves. A realização da entrevista é creditada à possibilidade de articulá-la com outra metodologia de obtenção de dados, a história de vida. Na precisa preleção de Minayo (2011, p. 65): “É por meio de entrevistas também que realizamos pesquisas baseadas em narrativas de vida, igualmente denominadas “histórias de vida”, “histórias biográficas”, “etnobiografias” ou “etno-histórias” [...]”. As perguntas propostas ao entrevistado giraram em torno de três eixos: história de vida, a relação dele com a festa e

³ O segundo autor deste artigo destaca que nunca terá como agradecer o suficiente pela oportunidade dada de participar da festa airãoense. Espera, com este texto, de alguma forma, retribuir a gentileza do convite realizado por Aduino Silva de Oliveira Júnior para participar do Ecofestival e de Carlos Maciel Filho, respectivamente, apresentador e vice-presidente da agremiação. Também não seria justo esquecer de agradecer Maria Lúcia Passos, atual presidenta da agremiação, pelo pleno aceite da minha chegada. Foi um desafio por demais bonito de ser realizado. A Ércules, nosso narrador, gratidão infinita pela confiança. À nação verde e preta, meu afeto inesgotável pela acolhida. À nação verde e branca, obrigado pela oportunidade da “rivalidade” e pela realização do grandioso espetáculo. Um coração que transborda gratidão não cabe em palavras. Aos amigos que embarcaram nessa comigo, um obrigado do tamanho do mundo. Preciso registrar os nomes de Fábio Benevides, Robson Duarte e Gabriel Mamed.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

envolvimento de Ércules com o Ecofestival⁴. As respostas foram transformadas em duas categorias de discussão.

Para melhor compreensão do texto, ele foi dividido em dois momentos: no primeiro, a seguir desenvolvido, algumas reflexões acerca da festa e seu simbolismo, no segundo, os dados obtidos junto ao entrevistado.



Imagem 1: Visão aérea do Ecofestival em noite de disputa. Fonte: TV Encontro das Águas.

⁴ Esta, segundo as regras da língua portuguesa, é a grafia ortograficamente adequada. Entretanto, registre-se que Novo Airão costuma utilizar “Eco-Festival” e “Eco Festival”, acreditamos que para destacar a marca identitária da defesa ecológica. Pelo Acordo Ortográfico de 1990, não se emprega o hífen nas formações em que o prefixo ou pseudoprefixo termina em vogal e o segundo elemento começa por vogal diferente. Aliás, pelas regras vigentes anteriormente ao Acordo, o elemento grego “eco-“ não era seguido de hífen. Agora, pelo Acordo, eco- só aceita hífen ao se ligar a um vocábulo que comece por “O”, o que não é o caso do termo Ecofestival. Como nunca percebemos polêmica em relação a isso, decidimos seguir a norma culta.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Conhecendo o Ecofestival: encantos, encantos, encantados

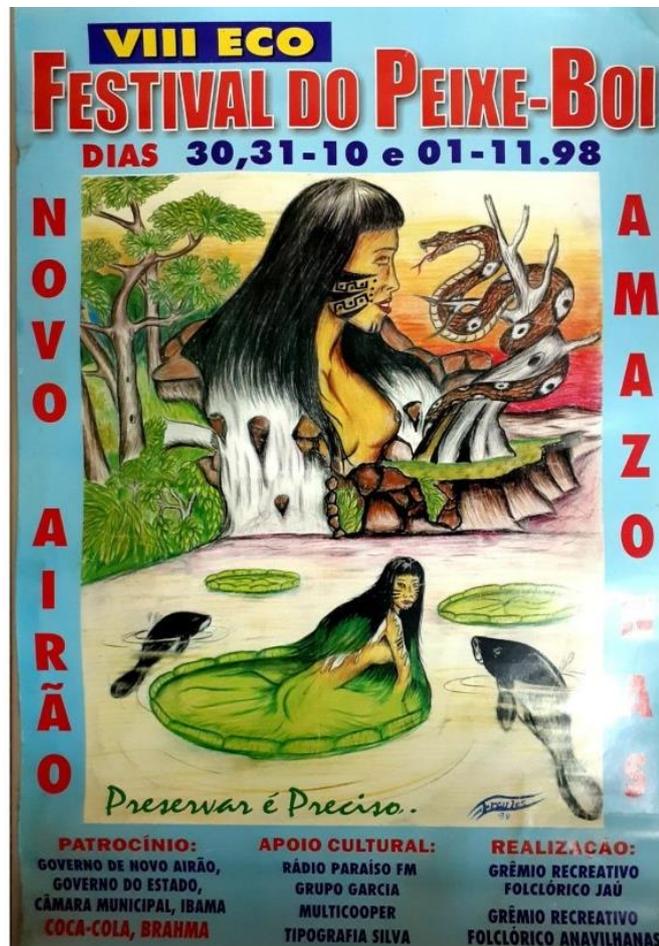


Imagem 2: Divulgação do VIII Ecofestival do Peixe-Boi. Trabalho de nosso narrador, Ércules Alves.
Fonte: acervo pessoal do entrevistado.

Derivado do verbo “encantar”, pode-se dizer que Novo Airão é um conjunto de encantos. Conhecida como “terra dos botos”, a paisagem natural destaca-se pelas excelsas praias, exuberante natureza e os imensos Parques que nomeiam os peixes-boi, em uma conjugação capaz de inspirar magníficas pinturas. A chegada à rua principal da cidade é marcada por uma rotatória que coloca os peixes-boi em destaque sobre uma arati-uaupe⁵. “Terra de encantos e encantados, de rios e seus bichos-de-fundo”, como descreveu o Jaú em sua apresentação ou de “ilhas que crescem a cada verão” na canção de Anavilhanas. De fato, Novo Airão faz jus a todos os epítetos que recebe: terra de

⁵ Nome indígena da planta aquática que posteriormente seria nomeada “vitória-régia” por ingleses. Optamos, sempre que possível, por nomenclaturas não colonizadas.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

povo hospitaleiro e gente acolhedora, lugar onde, no mês do Ecofestival, a cidade se divide entre verde e preto – do Jaú - e verde e branco – do Anavilhanas.

De certo modo, esta cisão evidencia o fenômeno comum em outras cidades do Amazonas que produzem festivais, a rivalidade: as cirandas o fazem em Manacapuru, os carás em Caapiranga, os peixes ornamentais em Barcelos, as tribos em São Gabriel da Cachoeira e assim a lista segue aumentando. O maior fenômeno certamente é o de Parintins, cuja grandiosidade provocou um verdadeiro hibridismo cultural entre folguedos, como bem define Canclini (1998), ao falar das misturas culturais que acabam acontecendo em escalas variadas. Esta ideia de multiculturalidades que se encontram pode ser vista como presente nas trocas culturais que se fazem entre Parintins e Novo Airão, além de outras permutas com manifestações das demais cidades do interior.



Imagem 3: Marujada de Guerra em noite de apresentação, na cidade de Parintins. Fonte: Raízes do Mundo.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



Imagem 4: Batucada do Peixe-Boi Anavilhanas em noite de apresentação, em Novo Airão. Indumentária: Wanderson Sounier e equipe. Créditos da imagem: Ana Paula - Fotografias.

Como se pode ver nas imagens, ambas as manifestações culturais - Caprichoso, boi-bumbá parintinense e Anavilhanas, peixe-boi de Novo Airão – apresentam a musicalidade em um ritmo assemelhado (percebam o uso maciço dos tambores), além de indumentárias que exaltam a cor principal da agremiação (azul, para o boi da estrela, verde em tons mais claros, para o peixe do arquipélago de Anavilhanas). Tal similaridade aponta para uma aproximação não só afetiva, como também estética e rítmica.

Entretanto, existem as especificidades identitárias: como anteriormente adiantado, o Ecofestival, como o prefixo indica, busca desenvolver uma mensagem ecológica preservacionista. Além deste item, destacado em outro momento, podem-se elencar outros que corroboram essa imagética, tais quais a “mãe natureza”⁶ e “fauna e

⁶ De acordo com o regulamento que rege a festa, “fauna e flora” representam as riquezas naturais da região, tendo como méritos a sincronia de movimentos, expressões cênicas e coreografia. Comparativamente ao rival, são destacadas a sincronia e indumentária. Geralmente a dança desse item é realizada por crianças.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

flora”⁷ e o próprio regulamento, o qual destaca, em seu primeiro artigo, segundo parágrafo, incisos I e III, serem objetivos da festa, respectivamente, “preservar a cultura local do peixe-boi de Novo Airão” e “defender e exaltar a natureza do bioma amazônico”.



Imagem 5: Mãe Natureza do Peixe-Boi Jaú, Gisiele Horta, concorrendo no item. Indumentária: Aroldo Júnior e Carlos Maciel Filho. Créditos da imagem: Ana Paula - Fotografias.

Em pesquisa de mestrado, Zaniolo (2006, p. 18) destaca a história do Ecofestival:

O evento iniciou como uma festividade local, cujo objetivo era proporcionar lazer e cultura aos moradores, através de danças. Existem divergências entre a população quanto ao início da festividade. Entretanto, os dois anos mais citados foram 1987 e 1989. Em diversos momentos o evento, previsto no calendário anual do município (normalmente no mês de outubro), não ocorreu por motivos econômicos e políticos.

Ressalte-se que o problema da realização ou não do evento por questões políticas continua a existir. Em 2018 não houve Festival, em 2019 aconteceu. Fato é que as arquibancadas enchem-se e muito ganha a cidade economicamente pela quantidade

⁷ A “Mãe Natureza” é um item feminino que protege a “fauna e flora”. Como méritos, deve apresentar beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações. Comparativamente ao peixe rival, ela precisa destacar-se pela beleza, graça, dança, simpatia e indumentária.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

de turistas que atrai. Acerca da data de início da festividade, 1989 parece ser mais adequada, como explicará mais adiante nosso narrador.

Regressando um pouco mais no tempo, um outro aspecto sobressalente é a base comum do eixo morte-ressurreição, outrora notado nas festas amazônicas por Mário de Andrade (ANDRADE, 1976). As “danças dramáticas”⁸ estudadas pelo autor orbitam em torno dessa temática central: no auto do boi-bumbá, o boi morre e ressuscita, na ciranda, tem-se a morte e ressurreição do carão. No peixe-boi, a morte e ressurreição aparece na lendária narrativa transmitida intergeracionalmente pela oralidade popular:

Conta-se que, há muito tempo, em um lago próximo à Tauapessassu (hoje cidade de Novo Airão), havia uma comunidade. Esta comunidade todos os anos realizava uma festa junina para a qual caravanas de toda a região se dirigiam. Era uma festa com muita fartura, com beijus, pés-de-moleque, bolos e outras gostosuras da culinária da mandioca. Mas, a maior atração da festa era a carne do Peixe-Boi. Mixiras⁹, assados e fritos - assim eram servidos os Peixes-boi -, além das gamelas¹⁰, as quais armazenavam com sal enormes peças desse animal para serem preparadas a qualquer momento. Na festa, não havia nenhuma palavra, sentimento, lembrança ou o que quer que fosse a favor dos animais arpoados: as narinas eram vedadas com pedaços de pau até que eles morressem asfixiados. Nenhum gesto que ao menos alertasse para o risco de não se poder contar com sua carne no ano seguinte. A indiferença igualava-se à das vassouras varrendo montes de ossos de Peixe-Boi para manter limpo o terreiro da festa. Até que chegou aquele ano. Na véspera da festa, a filha mais nova da família mais importante da localidade limpava a frente da casa, quando percebeu um casal vindo em sua direção. Sem demora, aos gritos, o homem lhe advertiu: "se tentarem matar mais um único peixe-boi, uma catástrofe ocorrerá neste lugar!". A mocinha balançou a cabeça para dizer que tinha entendido e, muito assustada, descobriu que não estava diante de pessoas e sim de um casal de peixes-boi engerado em gente, que logo depois sumiu nas águas do rio Negro. Atemorizada, a menina conta o ocorrido a todos na comunidade, mas ninguém lhe dá atenção. Nesse meio tempo, um pescador, sozinho, de pé em sua canoa, vinha perseguindo um peixe-boi num paraná das proximidades. Lá pela madrugada avançada, o reboiço das águas mostra o animal se debatendo, no esforço inútil para livrar-se do arpão que o atingira profundamente. No mesmo instante, o local da festa foi subitamente abalado e afundou-se o terreiro onde a maioria estava dançando. Em segundos, toda a comunidade estava submersa, coberta pelas águas escuras do rio Negro. Perto dali, em socorro ao peixe-boi arpoado, surge a Iara -figura grandiosa e olhar reprovador - e espanta o pescador. O peixe-boi, então, desliza para o amparo de Iara que retira o arpão que o atormentava. Mesmo morto, ela lhe restaura as feridas e, por meio de seus

⁸ “[...] as danças dramáticas se dividem em duas categorias bem distintas: o cortejo, caracterizado coreograficamente por peças que permitem a locomoção dos dançadores, em geral chamadas de “cantigas”; e a parte propriamente dramática em geral chamada de “embaixada”, caracterizada pela representação mais ou menos coreográfica dum entrecho, e exigindo arena física, sala, tablado, pátio, frente de casa ou igreja” (ANDRADE, 1982, p. 57).

⁹ Regionalismo do Amazonas cujo significado é “conserva de peixe-boi”.

¹⁰ Vasilha de madeira ou de barro, de vários tamanhos, em forma de alguidar ou quadrilongo.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

rituais de encantada, o devolve à plenitude da natureza. Prateada no horizonte, a aurora se anuncia e o vento harmoniza o alanco da copa das árvores com o banzeiro das águas. Jacarés, tartarugas, antas, pacas, veados, onças e cobras, tudo que é bicho se exhibe feliz na natureza inteira. Do rio, ao embalo das plantas aquáticas, toda a vida animal que Iara devolveu sente-se homenageada.

A lenda, em si, remete a uma mensagem de preservação que em tudo condiz com a festa dos peixes-boi. O núcleo dela é um pedido de não matança do animal, um manejo sustentável, com o ensinamento de que matar o bicho pode levar a sanções. Nesse sentido, ganham protagonismo as figuras dos encantados, como a Mãe d'Água e o próprio peixe engerado em casal para avisar à comunidade o que aconteceria em caso de desobediência.



Imagem 6: Encenação da lenda do peixe-boi. Fonte: TV Amazônica.

E, assim, pode-se perceber com Braga (2019), haver algo comum entre todas as festas: a celebração da Amazônia, os seres naturais e a sua gente. Aqui, o bestiário adquire o contorno de seres “encantados”, parte homem e parte animal, animais imaginários associados a superstições e folclore. Encantados provenientes do fundo das águas ou das matas, que podem ser tanto o personagem principal (o boto, por exemplo) ou outros bichos que contracenam com aquele, como o Mappinguari, o Anhangá, a Matinta-Perera, o Juma, etc.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Nestes processos de hibridismo cultural, Novo Airão é devedora de duas famílias: a Santana e a Queiroz. A chegada da família Queiroz em Novo Airão coincide com a de dois parintinenses, Ademir Teixeira e Fátima Santana. Quando da solicitação de uma competição com “a cara da cidade”, os grupos que até então existiam na cidade (“Cacetinho”, boi-bumbá “Mina de Ouro”, dança do Camaleão, entre outros) dividiram-se em dois grupos - via sorteio - formando-se Jaú e Anavilhanas. De um lado, Fátima Santana e Ademir Teixeira, trabalhando pelo Jaú, formaram sua equipe junto de Sônia Torres, Valcir Melo e Ércules Alves – este último, nosso narrador (esta lista certamente inclui mais pessoas), de outro, Affonso Queiroz traz o artista Gute Raposo para rivalizar pelo lado de Anavilhanas, agregando à equipe nomes como Zé Luiz, Coalhada, Adauto Silva, Joana Pontes, Mário Carmim, Cesco (mais pessoas certamente também devem constar aqui).

A partir de agora, dá-se voz e ouvidos a uma das pessoas citadas desde a gênese da festa. Fala-se da figura emblemática denominada Raimundo Ércules dos Santos Alves.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



Imagem 7: Momento coreográfico do Peixe-Boi Anavilhanas. Créditos da imagem: Ana Paula - Fotografias.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



Imagem 8: Apresentador do Peixe-Boi Anavilhanas, Affonso Queiroz Júnior. Tradição viva no folclore airãoense. Créditos da imagem: Ana Paula - Fotografias.

Resultados e discussão

Os dados expostos até agora, ilustrados pelas imagens de 2019, ajudam a visualizar o panorama atual do Ecofestival do Peixe-Boi. Isto abre espaço para falarmos da importância dos sujeitos sociais imbrincados no processo de construção do evento, neste caso em específico, Raimundo Ércules dos Santos Alves.

Racismos que se superam pela arte e pela educação: mestre Ércules¹¹ se apresenta

Ércules é filho da comunidade ribeirinha. Com 44 anos de idade atualmente, é um homem negro, técnico em desenho (concurado na Prefeitura de Novo Airão), técnico em guia de turismo pelo Centro Tecnológico do Amazonas (CETAM), técnico em eventos pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM), mestre de *taekwondo* e professor de Artes na Escola Estadual Danilo de Mattos Areosa, além de músico, artista

¹¹ Gostaríamos de agradecer gentilmente ao narrador pelo intenso carinho não só em disponibilizar-se a ser entrevistado, mas de ceder o acervo pessoal de imagens, além de ter revisado, ponto por ponto, a análise realizada neste artigo. De fato um mestre, atencioso e pedagógico.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

plástico e diretor de Patrimônio Histórico de Novo Airão (IPH-NA), situado no museu arqueológico da cidade. Vindo de Sobrado (zona ribeirinha do município de Novo Airão), comunidade em que passou toda a infância, mudou-se para a zona urbana de Airão em 1988, após a morte do pai e por decisão materna, trazendo junto dez irmãos. À época, Ércules estava com dez anos de idade:

[...] chegamos aqui, tipo assim, eu como pessoa procurava meu espaço e isso era muito difícil. Então, veja bem, tudo que não prestava, digamos assim “dá pro neguinho”! Então eu, por exemplo, na batucada foi aonde eu comecei dentro do boi [antigo Boi Mina de Ouro], ninguém queria me dar um instrumento maior, eu era louco pra tocar caixinha e ninguém me dava uma caixinha porque aquilo era geralmente de alguém que tinha uma condição financeira melhor ou alguém branquinho. O que eu sentia era que eu era excluído, mas o que me davam tinha que fazer meu melhor, então a partir daí eu ganhei um surdinho, instrumento que ninguém queria praticamente tocar, eu peguei o surdinho e criei uma batida. Até hoje utilizam no repique dentro do peixe-boi, mas aquilo não existia porque aquilo era eu que tocava. No primeiro ano foi isso, eu toquei, o importante que eu estava lá feliz da vida, foi maior luta conseguir minha roupa pra eu sair no boi [...]



Imagem 9: Mestre Ércules diante de escultura de sua autoria. A cobra grande encontra-se na Escola Estadual Danilo de Mattos Areosa, onde leciona. Créditos na imagem.

Do “surdinho” para hoje em dia, tem-se um Ércules que executa quarenta e sete instrumentos, sendo apaixonado por percussão. A música é parte da vida do artista,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

tanto que segue tocando até hoje, realizando *freelancer*. A questão “cor da pele” é descrita pelo entrevistado como algo muito difícil e “a arte me ajudou a ser visto”. Acolhido pela professora Fátima Santana, desenvolvia em paralelo o *Taekwondo*, além de ministrar aulas de dança contemporânea:

[...] através do meu esporte, a arte marcial *Taekwondo*, eu lembro que nesse período, que eu fui artista marcial, lutava nos campeonatos. Quando eu ganhava, as pessoas me carregavam no ombro como se fosse um jogador de futebol. Eu tinha ganhado um campeonato e eu comecei a ser visto nessas duas áreas [artista plástico e pela arte marcial], eu abri caminho para outros artistas, pois eu fui o primeiro artista de fora a trabalhar em Barcelos [refere-se ao Festival do Peixe Ornamental que é realizado na cidade, o FESPOB]. E eu me lembro naquela época que eu cheguei lá: o Gute era branquinho, geralmente os artistas que se viam na televisão eram brancos. Quando viam um negro era complicado, eu tenho várias situações que eu vivenciei, eu me lembro de lugares que eu participei aonde as pessoas não queriam sentar na mesma mesa porque eu era negro, eu me lembro que passei por situações que a pessoa tinha que ver eu fazendo a coisa pra poder acreditar.

Conta Ércules que, pelo fato de ser negro, as pessoas achavam que ele não tinha capacidade. “Rompi barreiras do preconceito através da arte, se eu tivesse que agradecer algo que me fez como hoje com 44 anos, que eu venci na vida através do meu esporte através da minha arte, isso foi a questão”.

Os estudos foram outra ferramenta da conquista do espaço: “[...] tô fazendo especialização de ensino das artes, quando terminar pela UEA [Universidade do Estado do Amazonas] vou estar especialista dentro dos ensinamentos das artes nessa quatro modalidades, teatro, dança, música e artes visuais e com isso tô fechando um ciclo [...]”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

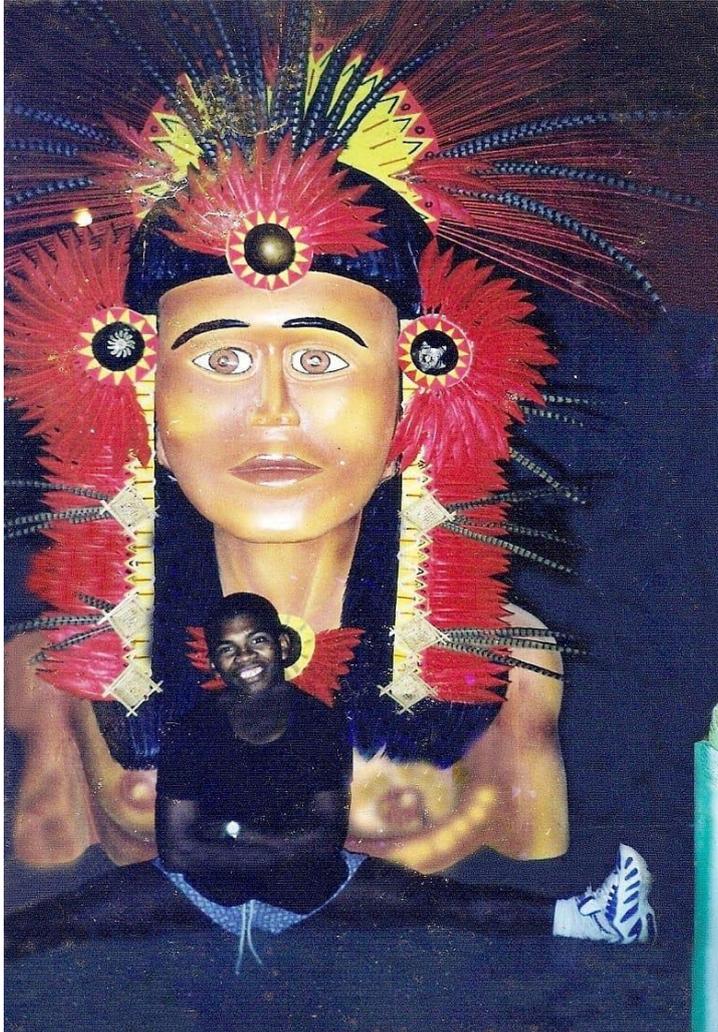


Imagem 10: “Criador e criatura”. Ércules diante de uma de suas obras. Créditos: acervo pessoal do entrevistado.

Ele rememora ter sido o caminho dos estudos um conselho recebido do, naquele momento, Secretário de Cultura, Robério Braga:

“Ércules, faz teu nível superior que as pessoas vão parar de achar que você é apenas um alguém sortudo que nasceu com talento”. E eu fiz, com isso hoje estou na segunda pós-graduação, fiz arte educação pela Uniasselvi. Por causa da pandemia, não defendo [o Trabalho de Conclusão de Curso] mais agora em junho. Fiz minha arte educação pela UEA, eu já estou com projeto para mestrado estou aguardando aparecer alguma coisa pra eu fazer em artes visuais. Na área profissional, tô fazendo curso na área da Cultura, através do antigo Ministério da Cultura e também estou fazendo uma pós em arquitetura e urbanismo, pelo fato de eu trabalhar com esculturas e eu sempre ter o problema de ter que ter um arquiteto assinar minhas obras/plantas devido eu não ter habilitação nesse área. [...] Dentro das artes dos negros eu fui um cara que sempre veio rompendo barreiras, na dança, na música, nas artes visuais eu tive muita dificuldade de vencer. Aí, graças a Deus hoje eu me lembro, quando chego na faculdade, tem professor meu que é meu fã, fala da minha história, da onde eu vim, de tudo que eu passei. Participei em Novo Airão desde 1988, tudo que foi criado em cultura, arte, até os dias de hoje estive no



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

meio ou eu participei como autor direto, co- autor ou idealizador. Então música, dança, quase tudo dessas coisas participei, FEMPA [Festival de Música Popular Airãoense], festival folclórico, festival de danças, festival inclusive de músicas evangélicas, a gente sempre tá participando desse meio.

Neste primeiro momento, vemos Ércules se apresentando como sujeito vitorioso diante de uma vida que se apresenta em meio ao racismo estrutural que moldou o povo brasileiro. Valendo-se da arte, da educação, ele supera os obstáculos apresentados, mostrando uma trajetória pessoal de enfrentamento às dificuldades, sem renúncia.

A festa que constrói o sujeito e é por ele construída: o protagonismo de um *dans*¹²

www.alternativasports.com Ano 2 - Edição 4 - Março de 2019

TAEKWONDO 12 ALTERNATIVA SPORTS

Mestre Ércules Alves

32 anos dedicados às artes marciais



Mestre Ércules Alves, um grande incentivador do esporte no município de Novo Airão

Raimundo Ércules dos Santos Alves, o Mestre Ércules, de 42 anos, graduado em Artes Visuais pela UFAM, Técnico em Desenhos pelo CITRAM, Técnico em Eventos pelo IFAM, Técnico em Guia de Turismo pelo CETAM, pós-graduado em Arte e Educação (Uniassevi), cursando pós-graduação em Ensino das Artes (UEA), nasceu na comunidade Sobrado, no município amazonense de Novo Airão.

É considerado uma das maiores lendas do Taekwondo amazonense, um exemplo como atleta e como lutador também. Fez parte de uma 'geração de ouro' do esporte no Estado.

Tem em seu currículo como atleta vários títulos importantes, entre eles, podemos destacar o tricampeonato amazonense de Taekwondo, o tetracampeonato do Intermunicipal realizado no município de Novo Airão, o vice-campeonato brasileiro Norte Nordeste no Amapá 2005, o campeonato brasileiro Norte Nordeste em Poom sae, foi campeão do Amazon TKD Open em Macapá 2005, terceiro colocado no campeonato brasileiro seletivo para o Mundial de Poom sae em 2012 em Porto Seguro Bahia. Foi reserva da seleção brasileira (C) em 2006, mesmo ano em que conquistou o terceiro lugar no Festival Latino-Americano em São Paulo. Ainda como atleta foi vice-campeão do Capital Open em Brasília 2013, tendo como paixão o Poom sae (fôrna).

Mestre Faixa preta 5º Dan pela CBTKD, Mestre 5º Dan da KUKKIWON n°

Festejar" Eventos & Personalizados
Camisas, Canecas, Kit Festas
Topos de Bolo, Tapetes Adesivos,
Painéis em lona, Organização de Festas!!
Conheça nossa fanpage:
www.facebook.com/festejarpersonalizacao/
Contato: 9 9375-3665

Imagem 11: Uma das reportagens que destacam o trabalho de Ércules no tocante às artes marciais. Créditos na imagem.

¹² Na prática do *taekwondo*, há divisões. Inicialmente tem-se o *gub*, em seguida, o *dans*. Cada Kup corresponde a um cinturão multicor, existindo dez ou nove Kups em ordem decrescente. O *dans* situa o praticante em níveis acima de mestre.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Ao falar de si, Ércules também fala de Ecofestival, mostrando a indissociabilidade da festa com o sujeito que nela se embrenha¹³. Ércules vive nas/pelas/entre as artes do folclore e da luta, um *dans*. Em 1988, quando o Ecofestival ainda subsumia-se ao “Festival Folclórico”, ele adentra este universo, sendo o primeiro tripa¹⁴ do peixe-boi. Este festival acontecia nas escolas, onde também apresentavam-se danças manauaras.

A especificidade airãoense era a apresentação da lenda do peixe-boi, descrita na primeira seção desse texto, além das pastorinhas, dança do café, dança do tipiti, dança do camaleão, dança do tracajá, dança do frevo (da professora Antônia), de uma quadrilha organizada pela escola e o boi-bumbá Mina de Ouro, criado por Fátima Santana, uma das pioneiras e também fundadora do festival. Este momento já era realizado na quadra (onde hoje se apresentam os peixes-boi), já como festival folclórico, no período de 1988 a 1992. Nosso narrador descreve sua trajetória:

[...] eu cheguei aqui [Novo Airão] quando criança. Logo fui adotado [artisticamente] praticamente pelo fato de eu gostar da batucada e tal. O primeiro ano em 88 brinquei no boi Mina de ouro, que foi o precursor do festival do Peixe-Boi. Esse boi todo ano ia muito bonito. Na década de 80 começou, em 85 o boi começou se apresentar e em 88 eu dancei. Em 89 criaram o Festival Folclórico do Peixe-Boi, na época o boi dançava dentro do festival estudantil... Quando foi em 89, tem o refrão da música lá “surgiu em 89 um grupo de homens nobres”. No caso, a lenda se apresentava dentro desse festival [festival estudantil]. O primeiro ano da lenda foi em 89, apesar de o primeiro ensaio ter sido em 88. Daí se juntaram um grupo de pessoas. Garotões, a rapaziada da época, o grupo de jovens chamado JUNA [Juventude Unida de Novo Airão], cujas cabeças eram Cícero Agard, Professor Cesco [Francisco Sá], Adailton Cerdeira, Márcio Félix. Isaac Warley criou a música usada e ajudou a ensaiar junto com o grupo. Monete Alves fazia parte da encenação e foi a primeira mãe do peixe-boi. Eu fui um dos primeiros dessa lenda a dançar debaixo do peixe-boi, porque era uma hora de apresentação, se tornava muito grande uma só pessoa ficar debaixo do peixe-boi. Na época com o Cesco [professor Francisco Sá], então eu participei daquilo que se chama Tripa no boi [de Parintins] e no evento do peixe-boi não tem ainda uma denominação, a gente que carregava o peixe-boi, eu como criança de 10, 12 anos já tinha essa função. Xarel [Otoniel Batista] também fazia parte do grupo. Em 89 apresentamos essa lenda [lenda do peixe-boi] dentro do festival Folclórico do peixe-boi, que era o antigo festival estudantil, daí começamos a ter uma visão sempre voltada para o boi-Bumbá Mina de Ouro.

¹³ A imbricação sujeito-festas populares é discutida em Silva (2014), em pesquisa de dissertação de mestrado. O autor aponta as festas amazônicas, em especial as cirandas mancapuruenses, objeto do estudo, como constituintes das identidades dos sujeitos sociais.

¹⁴ No universo das festas populares amazônicas, denomina-se “tripa” às pessoas que dançam embaixo dos animais de pano, como os bois-bumbás e peixes-boi.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES



Imagem 12: Processos de criação do artista. Fonte: acervo do entrevistado.

Ércules fala das mudanças do festival, especialmente nos anos 1990, 1991 e 1992:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

[...] o então governador Gilberto Mestrinho esteve em Novo Airão, na verdade, o filho dele esteve em Novo Airão - deputado na época -, assistiu uma apresentação do Festival do peixe-boi, aliás do Festival Folclórico do Peixe-Boi e ele achou muito bonito, sendo que nós estávamos indo muito na linha de Parintins, sendo que Parintins já estava sendo visivelmente bem vista, muita gente indo de Manaus e de outros lugares para o boi de Parintins. Então ele sugeriu algo que fizemos: mostrar a cara do município de Novo Airão. Isso foi em 92, logo em seguida, inclusive, o governador mandou aqui um antropólogo e um músico do “Raízes Caboclas”, chamado Celdo Braga, para fazer oficina para se criar um ritmo que, apesar de muitos esforços, acabamos ficando como “canção do peixe-boi” que tinha uma levada muito parecida com o boi [Parintins] e não conseguimos fugir desse ritmo, e por serem [os] fundadores do boi [Mina de Ouro], Fátima Santana, parintinense, Joana Pontes, parintinense, nós tínhamos outros parintinenses como Ademir Teixeira, que foi um dos fundadores [Jaú e festival], músico e poeta que fazia música, foi difícil fugir dessa situação [estilo musical]. Mas tinha outra coisa que era uma, hoje eu tenho essa informação, devido a minha formação dentro da minha área acadêmica de artes, que eu vim descobrir também, que não é só o povo que copia Parintins. Parintins tinha um pouco de artista de tudo que é parte, por exemplo, eu era de Novo Airão, o Gute [Raposo] de Barcelos, tinha artista de Barrerinha, de Borba, eles saíam desses municípios para trabalhar em Parintins, então eles levavam um pouco da sua cultura pra lá, porque a criação acabava fazendo parte da gente. Então nós tivemos o primeiro festival em 93, Ecofestival do Peixe-Boi, que, na verdade, foi feito um sorteio e eu ainda muito jovem... Automaticamente foi feito um sorteio, entre essas pessoas que eram presidentes ou brincantes de outras danças e o próprio boi [Mina de Ouro] e foi sorteado Fátima Santana pro Jaú e outras pessoas também. Com isso eu queria ficar automaticamente do lado dela [Fátima], por causa do boi [Mina de Ouro], que já era forte e a gente já tinha um tempo de trabalho juntos e acabei ficando com ela e com isso eu comecei um trabalho de, dentro do peixe-boi, eu era responsável por criar coreografia da “Água” [uma Ala, correspondente a um grupo de dança formado por meninas] que era um balé que a gente criou, que, inclusive, se dependesse da minha orientação e da minha vontade, eu criaria o item que seria o item “Água”, porque o peixe-boi não pode viver fora da água. Aí nós temos a “Ala Temática” [item do atual festival], que é algo que nós imitamos do Carnaval e não podemos colocar a “Ala da Água”, por exemplo, ou seja, algo que tivesse a ver, porque o peixe-boi, o normal seria que ele [peixe-boi] chegasse, a água se apresentasse, como foi criado um balé na época de 93 por mim. Eu acho que nós teríamos que ter esse item disputando, seja lá mostrando coreografias assim como a tribo que foi retirada devido ter tribo em tudo que é lugar [festivais] sendo que a Amazônia é índio, não tem como fugir desse outro histórico.

As falas de mestre Ércules são importantes para a historiação do Ecofestival. São depoimentos de quem viu a festa desenvolver-se, de quem teve participação ativa para a manutenção do folguedo, mesmo em meio a desleixos políticos. Ele conta que a o início dos peixes-boi liga-se ao objetivo de criação de uma identidade para Novo Airão. Este momento coincide com um decreto que regulava a caça do peixe-boi: “e aí aproveitamos porque Novo Airão tinha [...] o parque de Anavilhanas, [na época]



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

conhecido como arquipélago, não era parque ainda, e o Parque Nacional do Jaú já tinha sido criado”. O narrador fala, então, que o nome das agremiações remete aos nomes das áreas de conservação, no caso, Anavilhanas e Jaú.

“Esse foi o processo que nós viemos desde 93. De 93 a 94 só existia uma banda que se chamava Anajaú que tocava para os dois peixes, onde tinha músico das duas agremiações, só trocava os cantores”. Devido o empate ocorrido em 93, a banda Anajaú é separada, sendo criada uma banda musical para cada agremiação. Neste processo, criam-se também os grupos rítmicos, as batucadas de cada peixe-boi.

Os anos compreendidos entre 1993 e 1995 consagram o Peixe-Boi Jaú tricampeão. Em 1996, Ércules lembra que, devido às eleições, não houve apresentação. Em 1997, Ércules é convidado por Aduino Silva para organizar o Ecofestival, ano em que houve a festa, mas sem disputa entre as agremiações. Convidando pessoas do Jaú e Anavilhanas, foi realizada uma única apresentação. Entre os convidados, figuras de destaque aceitam ser brincantes: Beto, Ademir Teixeira, Zé Luiz, dona Carmelita, entre outros. Assumindo o protagonismo, Aduino Silva e Ércules desenvolvem a festa. Os quatro primeiros bailarinos são o próprio Ércules, Lucsandra Passos, Letinha e Júnior Estrela. Cria-se, assim, o grupo Anajaú.

Ércules, além de criar um estilo no formato de balé para o conjunto, o qual originalmente seria responsável pela abertura do Festival, assina também o conjunto alegórico apresentado. O Anajaú, graças ao bom desempenho, extrapolou a missão de apenas abrir o evento, tornando-se um grupo para divulgação e representação das agremiações.



Imagem 13: Ércules e uma de suas obras mais famosas: o dinossauro eternizado na praça central de Novo Airão. Fonte: acervo do entrevistado.

Assim, em 1998, “conseguimos trazer o festival de volta com as duas agremiações se apresentando de novo. Foi quando o Anavilhanas teve seu segundo título na década de 90 e com isso, outros problemas políticos, acabou não havendo festival, até 2001, quando começa a outra fase do festival [...]”.

Atribuir um status de “outra fase” ao Ecofestival significa, para Ércules, que a festa ganha mudanças significativas. Ele justifica:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

[...] a minha visão que eu tinha do festival da década de 90 é uma visão exclusivamente ecológica, realmente o festival passava essa mensagem, não só [isso], as fantasias eram feitas de sementes de árvores, as fantasias eram feitas, por exemplo, os vestidos eram feitos de cavaco de madeira que sobrava dos estaleiros [sobra de madeira das serrarias], mais de 50% das fantasias [eram] de produtos reaproveitáveis, naturais, né? Isso era nossa vantagem [agremiação Jaú] sobre o adversário [Anavilhanas], porque o Gute era o artista que veio de Barcelos, que era o artista do Anavilhanas e ele não tinha essa facilidade de trabalhar com material reciclável ou reaproveitamento e nós sempre tivemos essa facilidade, essa linhagem. Então o festival tinha uma característica própria dele, você olhava a fantasia, para muita gente aquilo se tornava feio, porque eles queriam os brilhos igual do boi [parintinense] e o brilho muitas vezes que a gente usava era o verniz, que a gente passava ali e acabava ganhando brilho. Mas era essa a característica e a outra característica desse período da década de 90 do Ecofestival foi as letras da músicas, não existia letra de passe, foi criada a primeira música de passe em 97, justamente por causa do Anajaú, que lançamos o “Novo movimento”, que é do Anavilhanas e o passe do peixe-boi e o rufar da caixinha, que foi do Maestro Robson Freire e o “Novo movimento” do José Luiz Batista, que hoje é pastor evangélico, que está fora do peixe-boi. Então, nesse período, nós tivemos essa situação, o festival tinha sua característica própria, porque se passava que a mensagem do protesto contra a desmatamento e a outra coisa que mais se passava era do caboclo que vivia no seu ambiente. Como Novo Airão tem 85% da sua área são reserva, como é que é esse caboclo ia viver? A gente também queria essa resposta! Como esse caboclo ia viver dentro dessa reserva sem devastar, sem utilizar, então naquela época que foi criada o Parque. Hoje já temos essas respostas, mas naquela época, não. Hoje, Anavilhanas já pode usar de uma forma sustentável, o Parque do Jaú já tem umas áreas, já existe sustentabilidade. Naquela época, simplesmente não podia, o cara tinha que sair de lá e acabou-se, era isso que acontecia e eu acho até que essa foi uma resposta que a gente teve devido esses tipos de protestos [...]

Como exemplo das mudanças produzidas pelo tempo para o Ecofestival, nosso entrevistado utiliza o exemplo das canções apresentadas: “[...] [se] você pegar as músicas da década de 90, eu digo até 99, vocês vão ver que as letras, das formas que elas falam as mensagens, hoje tem muita poesia, mas em si você não consegue entender a linguagem do caboclo”. Para ele, “antes você, por exemplo, os dizeres da época, os tipos de linguajar, você encontrava no caboclo: da cuia, da canoa, do remo, isso aquilo outro, hoje não, tem muita poesia, muita filosofia, muita coisa que eu acho isso descaracterizou um pouco”. Ércules sente falta de regionalismos, “como “olha já” que era tipicamente usado dentro das músicas que hoje sumiu”.

Pensando como artista, ele identifica uma revolução, a passagem da madeira para o ferro na construção das alegorias: “[...] a primeira vez que utilizamos ferro foi em 97 porque foi meu primeiro ano que eu trabalhei no boi [Parintins]. Aí, quando voltei de lá, na verdade meu segundo ano, eu voltei de lá já sabendo como trabalhar: fiz



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

as alegorias do Anajaú e quando foi 98 já usamos ferro”. O ferro tornou o trabalho mais prático, porém, “com isso perdemos a característica das fantasias e do que nós utilizávamos: muito papelão, que era uma forma de reaproveitar para fazer as fantasias e outra coisa que perdemos foi com a chegada do TNT da própria pena de pato que a gente comprava tudo pronto”.

A modernização das técnicas teve seu preço:

[...] em compensação nós fomos também perdendo as pessoas dentro do barracão, por quê? Porque antigamente, o festival, quem fazia o festival era o povo. Não tinha artista, eu me lembro que até a década de 90, na questão de 98 que foi o último ano de Fátima Santana, ela, no barracão, era proibido alguém lá dizer que alguém era artista, porque todo mundo era colaborador. Porque um trazia uma panela de mingau, uma caça e ali tinham senhoras que vinham da sua casa costurar de graça, tinham pessoas que vinham fazer qualquer coisa que tivesse pra fazer, tipo pintar, lixar, fazer o que fosse preciso fazer, tipo a panela de goma para fazer a pastelagem, tinha a pessoa que trabalhava o dia todinho mas quando era de noite estava no barracão ajudando. Isso hoje eu entendo, porque Fátima Santana, em uma entrevista que fizemos, ela falou, se ela pudesse mudar alguma coisa do festival, ela entregava o festival para o povo, porque, no momento que entrou os artistas, o povo acabou se afastando, porque ele não se vê artista, ele acaba falando “deixa o fulano fazer porque ele sabe”, então ele [povo] parou de tentar, parou de fazer a fantasia dele. E aí o amor dele foi acabando, não é mais aquela coisa que, de dentro barracão, como era antes, porque o que unia o povo era justamente o estar ali vendo como era confeccionado. Essas questões de segredo que hoje as coreografias têm que ser escondidas até os últimos dias praticamente. Isso foi outra coisa, porque a “Água” ensaiava no meio da rua, as tribos, todo mundo estava ali e você via diariamente as pessoas olhando “poxa, que legal, quero dançar também porque tá legal aquela tribo, tá legal aquele pessoal”, praticamente as únicas pessoas que a gente não via nos ensaios eram os destaques mesmo, porque todas as falas e coreografias eram apresentadas.

O narrador avalia que houve um afastamento popular, contrariando as expectativas de que as mudanças que visavam tornar o Ecofestival mais atrativo redundariam em aproximação de mais pessoas: “[...] acabou dando resultado ao contrário: as pessoas começaram se desgostando, se desmotivando. Hoje a gente vê assim, tirando a “Ala Temática” que todo mundo quer, hoje ninguém quer ir pra “Água” porque não se vê nada criativo, tem muitos passos, muitas coisas”. Para ele, “só de olhar a pessoa já diz “eu não sou capaz de fazer isso”, também não quer dançar feio, acaba saindo. Então eu acho que isso foi uma das coisas que prejudicaram nosso festival em termo de brincantes, de participação”.

Ao fim de nossa conversa, Ércules aconselha:



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Se eu pudesse dar um conselho, eu ouvi de Fátima Santana, fazendo uma entrevista, eu estava fazendo curso técnico de guia turístico regional e eu fiz uma entrevista com ela de uma hora e quarenta minutos, aonde ela citou isso que eu concordei, que ela tinha razão que se nós queremos que o festival volte a ter todo aquele impacto, nós precisamos trazer o povo de volta, precisamos fazer que o povo tenha vontade de fazer algo dentro do festival que o artista esteja lá, mas que ele seja apenas mais um que possa auxiliar. A partir do momento que tem aquele cara que é pago pra entregar as fantasias todas prontas, o telespectador e o brincante pensa que só vai usar, não tem nenhum vínculo nem uma identidade com aquilo que foi feito, que ele não está participando do processo. Antigamente não, todos os participantes faziam parte do processo, inclusive nas coreografias, na “Água”, tinha movimentos que as meninas não acertavam, diziam: “não dá pra gente mudar esse movimento pra esse movimento? Porque esse tá difícil!” e a gente lá acabava criando um segundo movimento e aquele ficava para outra situação. Então, quer dizer, eles passavam até a participar do processo criativo de toda evolução: “olha tá ficando muito enrolado, o espaço é pequeno, não vamos conseguir girar todo mundo nesse momento, vamos tirar mais gente ou fazer outra coisa”, isso foi uma coisa muito importante.

Das memórias do Anajaú, ficam as apresentações. Até 1998, o Anajaú apresentava-se na feira do imigrante na Universidade Nilton Lins. Também houve apresentação durante a inauguração do “Parque do Ingá”, em Manacapuru, e na praia da Ponta Negra, no concerto de natal manauara: “foi a primeira vez que ganhamos alguma coisa de cachê, nós só nos apresentávamos de graça e esse era o grupo que apresentava o nosso festival da origem”. Ércules pensa em retomar o Anajaú, com o único intuito de “trabalhar em cima da lenda”, já que, para ele, “é algo que os peixes não focalizam. Eu já estou com o projeto e assim que terminar essa pandemia eu preciso por algumas coisas em prática”.

As memórias de nosso narrador, mestre airãoense, falam de superação do preconceito, de participar do Ecofestival, de ver a festa “crescer”. Fala de saudades, de dificuldades, de sonhos, de racismo. Trata da dinâmica da vida humana. Reflete sobre processos artísticos de criação, pensa sobre cultura popular, aquilata modos de pensar o “pertencimento”, produz arte. Acima de tudo, ajuda a conservar a história social da festa de Novo Airão, entre hibridismos, sonhos e preservação.

Considerações finais

O artigo aqui desenvolvido desenvolveu-se na perspectiva da história de vida de Raimundo Ércules dos Santos Alves. Artista, músico, batuqueiro, alegorista e outras



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

inúmeras nuances, ele é o retrato do povo que constrói as festas, enquanto constroem-se também os sujeitos sociais. Ao registrar parte da história do Ecofestival, por meio de um de seus protagonistas, os dados permitem apontar a festa na esteira do hibridismo cultural, como espaço de troca com outros festivais amazônicos, especialmente o parintinense. Possibilita-se ao sujeito refletir sobre a história social do folguedo, bem acerca de seu labor e do povo que se envolve na realização do espetáculo. Algumas conclusões aparecem pelas memórias do artista: a obra realizada como desconstrutora de estigmas ligados a preconceito e racismo e o Ecofestival como identidade construída por múltiplas mãos, processo que vem se consolidando desde o fim da década de 1980.

Desta forma, compreendemos que o estudo obteve o objetivo pretendido, ficando como sugestão novas pesquisas para pensar processos artísticos e história das festas. Este estudo pretende desmembrar-se em outros, que retirem o enfoque descritivo aqui proposto e analisem também a politicidade dos movimentos e falas, revendo o palco da vida humana em vieses mais críticos e analíticos, ajudando a problematizar o racismo e o envolvimento do povo na construção de uma identidade cultural.



Imagem 14: Ércules em processo de criação: jacaré amazônico alegórico utilizado na apresentação do Peixe-Boi Jaú no ano de 2006, cujo tema era “Jaú: paraíso de histórias e encantos”.
Fonte: acervo do entrevistado.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

Referências

- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1976.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. Festas na Amazônia: gentes e bichos, em meio a cidades, rios e floresta. In: HISTÓRICO do Ecofestival. Grêmio Recreativo Folclórico e Cultural Jaú. Novo Airão: 2019.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (Org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 30. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- SILVA, Adan Renê Pereira da. **A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru**. 2014. 128f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- SILVA, Adan Renê Pereira da; OLIVEIRA JÚNIOR, Adauto Silva de. Gênero e festas populares: reflexões com base no Ecofestival de Novo Airão, Amazonas, Brasil. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-estar - RECH**, Humaitá, v. 5, n. 2, p. 271-288, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/6805/4795>. Acesso em: 18 mai. 2020.
- ZANIOLO, Giovana Regina. **Etnoconhecimento do peixe-boi amazônico *Trichechus inunguis* (NATTERES, 1883) pelos pescadores de Novo Airão, Amazonas, Brasil**. 2006. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2006.

Recebido: 15/5/2020. Aceito: 19/5/2020.

Sobre os autores e contato:

Carlos Maciel de Oliveira Filho- Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Pós-Graduando em Gestão Escolar, supervisão e orientação pela UNIASSELVI. Artista, Vice-Presidente e Membro da Equipe de Criação e Artes do Grêmio Recreativo Folclórico e Cultural Peixe-Boi Jaú. Contato: macielfilho.cm@gmail.com.

Adan Renê Pereira da Silva- Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Psicologia (UFAM) e Especialista em História da Saúde na Amazônia (FIOCRUZ). Roteirista e Membro da Equipe de Criação e Artes do Grêmio Recreativo Folclórico e Cultural Peixe-Boi Jaú. Contato: adansilva.1@hotmail.com.